

D. JOÃO DA CÂMARA

os Velhos Meia-Noite

COM INTRODUÇÃO DE LUIZ FRANCISCO REBELLO



**CEM
ANOS**

de Literatura em Língua Portuguesa

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO EDITORA

D. JOÃO DA CÂMARA

os Velhos Meia-Noite

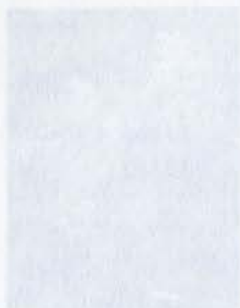


**CEM
ANOS**

de Literatura em Língua Portuguesa

ALVARO DE CAMARGA

os Velhos Meia-Noite



COLECÇÃO: CEM ANOS DE LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA
DIRECÇÃO LITERÁRIA DE MARIA FERNANDA C. DE BRITO.
INTRODUÇÃO DE LUIZ FRANCISCO REBELLO.
CAPA E ARRANJO GRÁFICO DE PINTO VIEIRA.

COMPOSTO E IMPRESSO NA COMPANHIA EDITORA DO MINHO—BARCELOS, MAIO DE 1983

introdução

LUIZ FRANCISCO REBELLO

o introdutor

LUIZ FRANCISCO REBELLO nasceu em Lisboa a 10 de Outubro de 1924, tendo-se licenciado em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Desde 1973 que exerce as funções de Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, tendo ocupado diversos lugares de relevância em organismos internacionais que se dedicam à defesa dos direitos da propriedade intelectual.

Foi um dos fundadores do Teatro-Estúdio do Salitre (1946), aí se estreando como autor teatral com a peça «O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 E 47» (1947). Seguiram-se-lhe: «O DIA SEGUINTE» (proibida em Portugal mas representada em Paris, Valência, Madrid, Rio de Janeiro e São Paulo) representada em Portugal, pela primeira vez, em 1957; «ALGUÉM TERÁ DE MORRER» (1956); «É URGENTE O AMOR» (1958); «O FIM DA ÚLTIMA PÁGINA» (1958); «OS PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS» (1959).

Traduziu variadíssimos autores teatrais estrangeiros, tais como Emelyn Williams, Marc-Gilbert Sauvajon, Noel Coward, Claude-André Pujet, Victor Iriarte, Miguel Miura, Ibsen, De Stefani, Edgard Neville, Tchekov, Yeats, Maeterlinck, Synge, Garcia Lorca, Brecht, etc.

Tem publicados imensos estudos sobre Teatro e assuntos de Direito com ele relacionados, assim como assina críticas sobre temas teatrais e literários em diversas revistas.

Pertence ao Conselho de Redacção de «O Jornal do Fôro».

É membro da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Letras).

1. «A Cena», revista de teatro ilustrada que se publicou em Lisboa entre Fevereiro de 1896 e Julho de 1898, lançou em Julho do primeiro destes anos um inquérito tendente a apurar as personalidades mais qualificadas nos diversos sectores da vida teatral portuguesa — actores, autores, músicos, críticos e empresários. Os resultados desse inquérito foram divulgados nos n.^{os} 15 a 29 da revista: das 25 respostas recebidas, 11 indicavam o nome de D. João da Câmara como sendo «o melhor autor dramático», enquanto o seu mais próximo competidor, Eduardo Schwalbach, obtinha 5 votos, Marcelino Mesquita e Henrique Lopes de Mendonça 4 cada um, e António Enes apenas um.

Nessa data, D. João da Câmara havia estreado, com excepção de duas (*A Triste Viuvinha* e *Meia-Noite*, que só em 1897 e 1900, respectivamente, viriam a subir à cena), todas as suas peças mais importantes, algumas com estrondoso êxito (o drama histórico *D. Afonso VI*, 1890), outras perante a indiferença (*Os Velhos*, 1893) ou mesmo a franca hostilidade do público (*O Pântano*, 1894). Mas a própria diversidade da sua obra, em que se cruzavam todas as linhas dominantes do teatro finissecular — o historicismo neo-romântico, o naturalismo e o simbolismo — e compareciam todos os géneros, da comédia ao drama e seus derivados, sem desdém pela opereta e a ópera-cómica, era de molde a justificar que se lhe atribuisse a chefia de uma geração que, nascida com o fontismo (*D. João da Câmara* viu a luz em 1852, *Marcelino Mesquita* e *Lopes*